



Cartografias da camaradagem criativa:
a correspondência de
Oswald a Mário de Andrade

Julio Augusto Xavier Galharte
Marco Antônio Teixeira Junior

Correspondência: Mário de Andrade & Oswald de Andrade, com organização, introdução e notas de Gênese Andrade, São Paulo, Edusp/IEB, 2023, 264 p.

“Na calçada das cidades inacessíveis
Te mostrarei meus cartões postais.”
(Oswald de Andrade, “Dote”)

“Amor ódio tristeza...
E os sorrisos da ironia
Pra todas as cartas da gente...”
(Mário de Andrade, “Máquina de escrever”)

Se os estudos a respeito do Modernismo brasileiro e da figura de Mário de Andrade já contavam com um poderoso fôlego animando pesquisa, ensino e difusão de conhecimento nos mais variados formatos e plataformas, o recente centenário da Semana de Arte Moderna veio intensificar ainda mais vivamente todas essas atividades. Isso porque as movimentações em torno da efeméride tornaram propícia a divulgação ao grande público de materiais inéditos, bem como de textos dispersos em periódicos hoje extintos ou editados em obras já esgotadas. Esse é o caso de *Correspondência: Mário de Andrade & Oswald de Andrade*, publicada pela Edusp, sob organização de Gênese Andrade, a qual também elaborou suas notas e seu Posfácio.

O livro integra a Coleção Correspondência de Mário de Andrade, levada a cabo pela equipe dedicada aos estudos da obra do escritor paulista, da sua memória e do seu

arquivo, cuja sede é o Instituto de Estudos Brasileiros da USP. É sabido que esse núcleo de pesquisa e difusão dos escritos mariodeandradianos, com numerosos trabalhos que se ativeram a seu arquivo e ainda se debruçam sobre ele, dedica especial atenção à correspondência desse autor (que afirmou, certa vez, sofrer de “gigantismo epistolar”¹),

1 “Sofro de gigantismo epistolar”: esse enunciado de Mário está justamente em uma missiva, escrita no dia 10 de novembro de 1924 e direcionada a Carlos Drummond de Andrade. Em 1945, o ano do falecimento de Mário, Drummond publicou, em *A rosa do povo*, o poema “Mário de Andrade desce aos infernos”, em que se lê: “O meu amigo era tão/ de tal modo extraordinário,/ cabia numa só carta” (Andrade, 1979, p. 238). Verbo afetuoso, críticas, conselhos criativos, mostra de textos ainda não publicados, tudo isso palpitava nas missivas de Mário a Drummond e a outros escritores.

JULIO AUGUSTO XAVIER GALHARTE
é pesquisador com pós-doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp.

MARCO ANTÔNIO TEIXEIRA JUNIOR
é mestre em Filosofia pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP.

formada por cerca de 7.700 itens documentais, divididos entre correspondência ativa, passiva e de terceiros². Esse conjunto de epístolas, uma das linhas de força da complexa trama que entrelaça outras tipologias documentais e bibliotecas, foi objeto de trabalho da referida equipe, entre 1995 e 2003. O ano inicial remete-nos aos 50 anos da morte de Mário, que deixou expressa sua vontade de que sua correspondência permanecesse lacrada até o fim desse período. O ano final testemunha a conclusão da imensa quantidade de tarefas ligadas ao tratamento arquivístico, desde a descrição de cada um dos numerosos itens até o adequado acondicionamento de todo o material, para sua melhor preservação.

A obra também oferta novo impulso aos estudos sobre Oswald de Andrade, que, em alguns períodos, inclusive quando ainda vivia, obteve frios hiatos na recepção de sua obra, diferentemente das calorosas respostas dadas com relativa constância pelos críticos aos textos de Mário. Esses silêncios foram lamentados pelo próprio Oswald, na crônica “Fraternidade de Jorge Amado”, escrita em 1943: “Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o *Pau-Brasil* [...]. Foi propositadamente esquecida a prosa renovada de 22, para a qual eu contribuí com a experiência das *Memórias sentimentais de João Miramar*” (Andrade, 1971, p. 31).

No caso de *Correspondência: Mário de Andrade & Oswald de Andrade*, o silêncio envolve aquele e não este, pois o volume é um bloco formado apenas pela correspondência de Oswald e não temos, portanto, as respostas postais do autor da *Pauliceia desvairada*. Apesar disso, é possível apreender um fio narrativo que os escritos vão tecendo página a página e inferir as reações do destinatário a partir das entrelinhas (e algumas vezes das linhas) de cada novo texto postado pelo remetente.

O material compreende um arco temporal que vai de 1919 a 1928 e é formado por 27 documentos: 20 cartas, um bilhete e seis cartões-postais. Há ainda, no volume, uma nota introdutória, na qual Gênese explicita aos leitores a organização geral do livro e exhibe os critérios adotados na empreitada editorial: as fontes utilizadas para recolha dos documentos; uma explicação do porquê de se criar um roteiro das viagens de Oswald (1922-1928), muito útil e esclarecedor, diga-se de passagem; a escolha pela atualização ortográfica de acordo com a norma vigente, respeitando as idiossincrasias do criador de *Serafim Ponte Grande*; o objetivo das notas textuais e o método para sua elaboração; a presença de um dossiê, que reúne apreciações mútuas de Mário e Oswald (expressas em artigos publicados em periódicos), ajudando a compor os diálogos formados pela correspondência; e, por fim, o ensaio da organizadora, que buscou desvendar possibilidades de leitura partindo da materialidade dos documentos compulsados – analisando cores, linhas, tintas e timbres – até os temas deles apreensíveis. O volume ainda traz um caderno de imagens (fotografias, quadros,

2 Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaUnidadesLogicasInferiores.asp?Setor_Codigo=1&Acervo_Codigo=10&Unidades_Logicas_Codigos=9249,16885&Numero_Documentos=.

caricaturas, desenhos, capas de livros e revistas, dedicatórias etc.), dando a ver a iconografia ligada a espaços, tempos e personalidades envolvidas nos escritos.

Falamos sobre silêncio e precisamos retomar a referência a ele, pois sua sombra se projeta sobre o ponto inicial do diálogo entre Oswald e Mário, registrado nesse livro: o primeiro texto, postado em São Paulo, é um bilhete cuja data, 1919, é atribuída pela organizadora. Nele, Oswald enuncia que, apesar da “excelente carta” (p. 65) do amigo, não sente forças para responder com a abundância verbal que uma missiva exigiria. O motivo do lacunismo (e provavelmente o assunto da epístola de Mário) era o recente falecimento de sua companheira, Maria de Lourdes Castro Dolzani, mais conhecida por Daisy. Esta frase resume seu estado de espírito: “Estou arrasado” (p. 65). O tom é diverso no texto seguinte, redigido no Rio de Janeiro no ano da Semana de Arte Moderna, mais precisamente em 25 de dezembro de 1922. O leitor é convidado a acompanhar intensa movimentação humana e editorial em favor da difusão do Modernismo: o remetente lembra o destinatário que ele passa a ser o diretor artístico da *Klaxon*, revista criada para veicular os ideais e as produções do grupo que promoveu a Semana.

No entanto, os ventos (ou vendavais) do Modernismo do Brasil também precisavam ser soprados para fora do país, sendo este um dos motivos da futura viagem de Oswald para o exterior. Uma outra razão era o encontro com a pintora Tarsila do Amaral, que passou a namorar no mesmo e importante ano de 1922. Assim, as missivas seguintes dão notícia

dos deslocamentos do escritor, geralmente acompanhado por sua companheira, por alguns países da Europa, estabelecendo axiais contatos com intelectuais e artistas. Como mencionamos, os silêncios falam, e, mesmo sem a presença das cartas de Mário, a edição permite ver movimento também da parte deste: na última carta do conjunto, escrita no dia 19 de maio de 1928, Oswald enuncia: “Quando eu chegar (tempestadinha d’homem) faço questão que me raconte as maravilhas de Marajó. Eu te levarei as gravatas de Paris. Topa!” (p. 179). Ficamos sabendo, com a ajuda da anotação da organizadora, desse encontro pessoal dos dois missivistas, posterior à viagem que Mário fez pelo Norte do Brasil, em companhia de dona Olívia Guedes Penteado, Margarida Guedes Nogueira (sua sobrinha) e Dulce (filha de Tarsila do Amaral), entre maio e agosto de 1927 (dessa experiência surgiria uma das partes que comporiam o vintouro *O turista aprendiz*, diário das viagens etnográficas de Mário). Oswald, portanto, viajava por terras estrangeiras e Mário, por lugares do Brasil, mas esses périplos tinham um destino comum: as terras visitadas, sua gente, suas manifestações artísticas serviriam de inspiração para a criação desses escritores e matéria-prima para aquecer o caldeirão multicultural do Modernismo brasileiro.

Na carta 5, escrita no dia 29 de janeiro de 1923, Oswald informa sua localização usando um tipo de humor só permitido aos amigos que têm intimidade: refere-se a Mário como “o mais bonito da geração” e, na sequência, faz a seguinte observação quanto ao “elogio”: “(Estamos em Portugal, terrinha da piada)” (p. 78). Em um trecho

anterior, dá uma séria e excelente notícia: “A geração surpreendente – *Contemporânea* – à nossa disposição” (p. 77). A *Revista Contemporânea* (mensário literário português, plataforma modernista na qual atuaram escritores como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e mesmo Antero de Quental) estava, portanto, com as portas abertas aos brasileiros, graças ao contato que Oswald estabeleceu com seus diretores³.

“Depois de Portugal *Contemporânea*, Paris-Nouvelle Revue” (p. 87), enuncia Oswald em missiva escrita em Paris no dia 25 de fevereiro 1923, sinalizando que no dia 1º de março almoçaria com dois colaboradores do periódico francês mencionado: “Romain et Valery” (Jules Romains e Valery Larbaud). A este último, oferece um livro de Mário (carta 9; Paris, 4 de março de 1923): “Tenho feito o possível por vós. Deixei na mesa de trabalho de Jules Romains o meu volume de *Pauliceia*” (p. 92). Na missiva 12 (Paris, 18 de abril de 1923), Oswald diz: “Brecheret, você, Menotti e a corja serão lançados por mim em próxima con-

ferência. Grande agitação nos arraiais da América Latina em Paris” (pp. 113-4). Trata-se da conferência “L’Effort intellectuel du Brésil contemporain”, que seria realizada no mês seguinte, no dia 11 de maio, na Sorbonne, quando Oswald foi apresentado pelo professor titular do curso de Estudos Brasileiros daquela universidade. Na epístola 15 (Paris, 15 de maio de 1923), comenta como foi o evento: “A minha conferência causou boa impressão. [...] vítimas da maçonariazinha da Rua Lopes Chaves satisfazem perfeitamente as exigências da ‘modernidade de Paris’” (p. 135). Nessa cidade, Oswald teve contato com outros importantes artistas: Jean Cocteau, Paul Claudel, André Gide, Pablo Picasso (“Dostoiewski nascido em Málaga”, p. 121), Aragon (“a Besta do Apoca-Lipchitz”, p. 121) e Blaise Cendrars (que, posteriormente, iria ao Brasil e, em companhia de Oswald, Mário e outros modernistas, conheceria o carnaval carioca, bem como as esculturas de Aleijadinho, em Minas Gerais).

Os itinerários culturais de Oswald percorrem mais plagas europeias (Suíça, Espanha, Grécia e Inglaterra) e outros continentes, como África. Do Senegal, Oswald envia a Mário um cartão-postal com a seguinte mensagem: “Da África – berço obscuro da humanidade – um abraço obscuro do Oswald”, p. 138; conhece também o Egito e Ásia (visita Esmirna e Istambul, na Turquia, Beirute, Tiro e Sídon, no Líbano, Nazaré e Tiberíades, em Israel, e Chipre).

Durante essas viagens, Oswald revisava seu romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, inspirado nos passeios de seu autor pelo continente europeu

3 Gênese apõe, a esse texto de Oswald, as notas 11 (p. 77) e 12 (pp. 77-8). Esta última indica aos leitores curiosos o site da Hemeroteca Digital de Lisboa, no qual se pode acessar a coleção completa da *Revista Contemporânea* ou, pelo menos, a edição de março de 1923, na qual foi publicado “O barracão dos romeiros”, fragmento do romance *A estrela de absinto*, de Oswald. A nota anterior explica o alerta oswaldiano inscrito no início da missiva: “Para ser lida e gozada numa 3a feira”. O esclarecimento é este: às terças-feiras, Oswald e Mário, entre outros, reuniam-se na casa deste para mostrarem suas produções artísticas. Um trecho do ensaio “O Movimento Modernista” (presente no livro *Aspectos da literatura brasileira*, do próprio Mário) é usado para complementar a informação: “Havia a reunião das terças, à noite, na Rua Lopes Chaves. Primeira em data, essa reunião semanal continha exclusivamente artistas e precedeu mesmo a Semana de Arte Moderna”.

em 1912. O personagem central, não por acaso, é um viajante, característica que, segundo Antonio Candido, já é sinalizada em seu nome, no qual “está a vocação e a contemplação do oceano” (Candido, 1977, p. 53). Miramar é mencionado no poema inédito “Versos (sobretelhadas)” (Paris, 4 de março de 1923), que Gênes tentou desvendar em nota, remetendo o leitor ao artigo de Oswald publicado no *Correio Paulistano*, no qual o Cubismo é relacionado ao mencionado “sobretelhadismo” (nota 55, p. 101). O poema é este:

“Versos (sobretelhadas)/ Ah! A alegria de certos domingos insípidos./ Ah!/ Vou ao Louvre... A Gioconda em carne e osso da laca secular/ Miramar!! (leia-se com entonação)/ Os teus cotovelos/ São instintivos/ Joelhos/ De joelhos/ Oh!/ Oh!/ É a fotografia do Calvário!/ Este Cristo na cruz madeirenta!/ Do Greco!!!/ Uma vez roubei. Foi um pedaço de tela sofrida/ Do museu do... Greco!!!/ Fui preso. Éramos todos amigos na gêole, um nommá Dostoiévsky, um/ nommá Oscar Wilde, um nommá Verlaine/ Todos ao Pretório/ Refeitório/ da Foule/ Folle.../ Brrrrr.../ Maison de l’avenir/ Je suis/ Le mystère/ Je suis/ La Chiromancie/ Je suis/ Le chat/ Escola/ Chatismo” (p. 101).

Nos versos, Miramar, por ter roubado “um pedaço de tela sofrida” do Museu de El Greco (artista que pintou Jesus crucificado), foi parar “na gêole” (na jaula), junto com Dostoiévski, Wilde e Verlaine (escritores que foram, em um período de suas vidas, reclusos na prisão). “Miramar!! (leia-se com entonação)”: esse pedido do sujeito poético para sublinhar

sonoramente o nome do personagem é digno de nota. A narrativa que ele protagoniza era uma das prediletas, não só do seu autor, mas também de Mário de Andrade, que conheceu o texto antes de ser publicado, em 1924, sendo inclusive muito influenciado por ele. Exatamente por carta (de 1927), Mário expressa a Manuel Bandeira como uma das passagens desse livro oswaldiano impregnou o capítulo “Carta pras Icamiabas”, do seu *Macunaíma*: “Agora ela [Carta pras Icamiabas] me desgosta em dois pontos: parece imitação do Oswald e decerto os preceitos usados por ele atuaram subconscientemente na criação da carta e acho comprida demais. O primeiro ponto não acho remédio. O segundo vou encurtar a carta. Mas não tiro ela não, porque gosto muito dela” (Andrade, 1958, p. 171, apud Campos, 1997, p. 8).

Esse trecho da missiva de Mário a Bandeira é citado por Haroldo de Campos no ensaio “Miramar na mira”, em que localiza no romance de Oswald os elementos inspiradores de Mário:

“O propósito de Mário de Andrade, na ‘Carta pras Icamiabas’, foi, como salienta Cavalcanti Proença, ‘mostrar o artificialismo de uma linguagem anacrônica’. O próprio Mário, na carta a Bandeira já referida, esclarece bastante seus desígnios: ‘Macunaíma como todo brasileiro que sabe um pouquinho vira pedantíssimo. O maior pedantismo do brasileiro atual é escrever português de lei [...]. Agora a ocasião era boa pra eu satirizar os cronistas nossos [...] e o estado atual de São Paulo, urbano, intelectual, político, sociológico. Fiz tudo isso em estilo pretensioso, satirizando o

português nosso e, pleiteando sub-repticiamente pela linguagem lépida, natural (literatura) simples, *dépourvue* dos outros capítulos” (Campos, 1997, pp. 8-9).

Para Haroldo, essa estratégia de Mário foi inspirada no texto de abertura de *Memórias sentimentais de João Miramar*, “À guisa de prefácio”, em que “um típico beletrista de sodalício – Machado Penumbra faz a apresentação do livro em estilo empolado e arrebicado, recheado de clichês acadêmicos, num contraste gritante com o estilo do próprio autor, João Miramar-Oswald” (Campos, 1997, p. 9).

Se as *Memórias sentimentais* (1924) muito influenciaram *Macunaíma* (1928), este deixou marcas indelévels em *Serafim Ponte Grande* (1933), o qual foi chamado de “*Macunaíma* urbano” por Antonio Candido (1977, p. 45), no ensaio “Estouro e libertação”, tendo muitos pontos de contato com o romance mariodeandradiano.

É certo que a influência se apresentava como uma via de mão dupla para Oswald e Mário e vale a pena levar em consideração que este dedicou àquele seu ensaio “A escrava que não é Isaura”, motivo de gratidão expressa na carta 20 (Paris, janeiro de 1925): “Sabe. Me deu pra mim uma comoção de você oferecer pra mim o seu livro da tal escrava que se chama Inzaura. [...] fico muito agradecido e não miricia tamanha honra” (p. 149). O mis-

sivista finaliza com um “Té logo” e assina: “Oswaldo” (p. 149). A proximidade com a linguagem popular era uma das afinidades entre os escritores, camaradas na criatividade, no amor pelo Brasil, na abertura para o diálogo com as artes internacionais. Tudo era muito intenso nessa amizade e havia a expectativa de que ela não acabasse; Mário, no ensaio “Oswaldo de Andrade”, publicado na edição de setembro de 1924 da *Revista do Brasil* (e incluído na seção Dossiê da obra em foco), enunciava: “[...] somos velhos companheiros. E espero que a camaradagem com o meu sempre caro Oswald continue pela nossa ainda longa vida” (p. 188). Não continuou. 1929 é o ano dos rompimentos: a “amizade selada” torna-se “amizade despedaçada”⁴, extinguindo o Marioswald (combinação dos nomes usada pelos dois, em 1927, na indicação da autoria do poema elaborado a quatro mãos “Homenagem aos homens que agem”⁵), o que coincide com a dissolução do “casal Tarsiwaldo” (expressão inventada por Mário para se referir à união entre o escritor e a pintora e utilizada num poema em que homenageava os dois).

No entanto, se nas biografias de Oswald e Mário a ruptura se impôs, na discussão sobre literatura moderna que faz confluir invenção e qualidade ou sobre a força e a riqueza da cultura brasileira, eles estão sempre juntos, marioswaldiando.

4 As duas expressões são de Gênesse Andrade, usadas como títulos de seções de seu Posfácio, “Andrade versus Andrade”.

5 Esse texto integra o dossiê do livro.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de. "Mário de Andrade desce aos infernos", in *Poesia e prosa*. 5ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 237-40.
- ANDRADE, O. de. "Fraternidade de Jorge Amado", in *Ponta de lança*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, pp. 30-2.
- CAMPOS, H. de. "Miramar na mira", in O. de Andrade. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 9ª ed. São Paulo, Globo, 1997, pp. 5-33.
- CANDIDO, A. "Estouro e libertação", in *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977, pp. 33-50.
- CANDIDO, A. "Oswald viajante", in *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977, pp. 51-6.